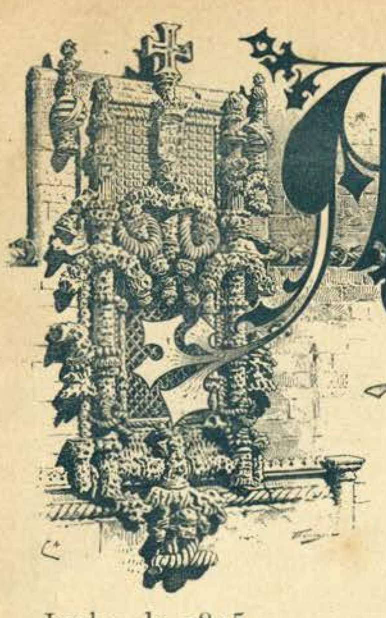


Arte Portugueza

Revista illustrada de archeologia e arte moderna.

Sob a protecção de Suas Magestades

Junho de 1895

Anno I — N.º 6

SUMMARIO

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

ASSIGNA-SE E VENDE-SE AVULSO

Em Lisboa, na Administração, nas principaes livrarias e na *Galeria Monaco*
No Porto, na *Livraria Universal*, dos srs. Magalhães & Moniz
Em Coimbra, na Agencia do sr. A. de Paula e Silva, e nas livrarias dos srs. Manuel Cabral e França Amado

ADVERTENCIA — Na Administração compram-se numeros 4.ºs d'esta Revista

Redacção e Administração: — *Salitre, 346, 1.º* — LISBOA

REVISTA DE ARCHEOLOGIA E ARTE MODERNA.

ARTE PORTUGUEZA

SOB A PROTECÇÃO DE SUAS MAG.DES

DIRECTOR LITTERARIO—*GABRIEL PEREIRA.* DIRECTOR ARTISTICO—*E. CASANOVA.*

SECRETARIO DA REDACÇÃO—*D. JOSÉ PESSANHA.*

ANNO I Junho de 1895 N.° 6

RESTAURAR E CONSERVAR

NO *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*, Viollet-le-Duc estabeleceu a sua theoria sobre restauração; theoria que passou á pratica, que foi admirada e seguida, mas que está actualmente provocando uma corrente contraria, dia a dia mais forte.

—Restaurar um edificio não é conserval-o, reparal-o, ou refazel-o; é estabelecel-o n'um estado completo, que é possivel que nunca tenha existido,—e foi esta theoria que o grande architecto francez poz em pratica em algumas grandes restaurações que executou, Pierrefonds, por exemplo.

Nenhuma civilisação, nenhum povo, nos tempos idos, entendeu assim a restauração. Variava-se com o gosto da epocha; quer dizer: o augmento, o concerto, a interpolação, destoava do primitivo, desafinava. Mas, diz-se agora, era verdadeira, sincera; a propria variante lhe punha a data.

O espirito tende a achar a verdade, a obter o conhecimento exacto. Os estudos historicos, o empenho no descobrimento das origens, das fontes, das raças, dos idiomas, das producções artisticas, têem obrigado tambem á critica dos antigos monumentos, e levado os espiritos a este desejo natural de saber como seria o original, o primitivo, antes dos concertos, accrescimos e reparações.

Restaurar! por consequencia, diz Viollet-le-Duc, baseando-se no impulso de Vitet. Conservar, salvar da ruina! diz-se hoje; porque já se tem a experiencia do que póde fazer, do mal irreparavel que póde produzir, o architecto sabio no edificio, o pintor habil nas télas, e nas taboas pintadas: prodigios de engenho talvez, mas que se arriscam muito a ser falsificações. Ainda é preciso notar que os estylos variam de povo para povo; dentro de Portugal, na mesma epocha, a arte tem manifestações diversas. O architecto encarregado de uma restauração (diz Viollet-le-Duc) deve conhecer exactamente não só os estylos proprios a cada periodo de arte, mas ainda os estylos pertencentes a cada escola. Mas isto é enorme. É impossivel, diz a critica moderna. É ridiculo mesmo suppôr perguntas como esta: Como faria Miguel Angelo, ou o Boutaca, ou o Sansovino, n'este caso?

Era preciso evocar os espiritos dos antigos architectos, pintores, esculptores, para saber o que elles fariam ou teriam tenção de fazer; sem duvida uma bella aspiração, mas positivamente um disparate e um perigo.

Com a theoria de Viollet-le-Duc, não ha saber ou engenho capazes de salvar as obras de arte do arbitrio; e o arbitrio é n'este caso uma falsificação, uma ratoeira aos vindouros, e mentira aos contemporaneos.

Camillo Boito, a meu ver, expõe bem esta importantissima questão de restaurar e conservar (*Questioni pratiche dé Belle Arti*, Milano, 1893). O cumulo da habilidade d'estes sabios, diz elle, consiste em fazer que o novo pareça antigo, de modo que o antigo e o novo se confundam. (Entre nós tem-se praticado outra habilidade: fazer tudo *novo*, fazer desapparecer até o tom antigo, tão lindo, que o tempo dá aos marmores e cantarias.)

Ora Boito, citando o proverbio oriental —«é vergonha enganar os de agora, maior vergonha enganar os vindouros»—, condemna a theoria de Viollet-le-Duc por levar fatalmente á falsificação, por não ser facil encontrar *genios* em qualquer parte, e por destruir elementos de trabalho, talvez actualmente sem valor, mas a que é possivel que o futuro, ou uma *nova sciencia*, dê alto merito. Nada de destruir o que está; salvar da ruina, apenas; amparar, limpar, tirar raizes, tapar fendas, lavar com agua; e, quando fôr indispensavel mexer ou alterar, tirar, antes da obra, photographias, plantas, alçados, todas as representações graphicas possiveis.

Para apreciar o monumento, é preciso ser sabio e artista, ver a importancia archeologica, a apparencia pittoresca, a belleza architectonica.—«Per attendere alla conservazione di un monumento abbisognano le mille cure sollecite e delicate dell' amore infiammato o dell' ardente carità, come ai malati l'assistenza di una sposa o di una suora.»

Eu comparo monumentos, quadros, etc., aos velhos pergaminhos; não quero rasuras, emendas, interpolações de sabios astutos; quero o texto tão ingenuo e sincero como a antiguidade o legou, com as suas falhas, lacunas, estragos, manchas, e dobras. Tratar de o salvar, impedir a continuação, o progresso, da ruina. E, quando for indispensavel algum concerto ou arranjo, que este salte á primeira vista. Sigo a doutrina do poeta citado pelo Boito:

> Serbare io devo ai vecchi monumenti
> l'aspetto venerando e pittoresco...
> ....
> Far io devo cosi che ognun discerna
> Esser l'aggiunta un' opera moderna.

G. PEREIRA.